

MICROSCÓPIO

Escrevi há dias, nesta mesma coluna, a respeito do livro "Fronteira Agreste". Não para defender a obra, que não conhecia, nem conheço, mas para sustentar o princípio da liberdade na arte.

Um ilustre publicista patriótico enviou-me, a tal respeito, uma carta, em que me dá algumas pequenas amostras do já famoso livro e me pergunta se aquilo se pode considerar arte. Confesso que fiquei perplexo. Cria eu que "A Carne", de Julio Ribeiro, aliás um grande escritor, representasse, entre nós, o limite extremo de crueza em matéria de naturalismo. Vejo agora que estava redondamente enganado. Podem escrever-se coisas muito piores. E por minha vez indago: será isto arte?

Se não se deve interferir na produção artística, a não ser com o corretivo da crítica, também livremente exercida, parece, entretanto, necessario estabelecer uma distinção fundamental. Não é arte tudo quanto se escreve, só porque vem em letra de fôrma e se arrima a uma escola literária. Tudo acetam os complacentes caracteres tipográficos. Nem a obscenidade e a pornografia deixam de o ser, sómente por estarem impressas; antes, mais nocivas e condenáveis se tornam. Entre certas cenas imorais descritas sómente com palavras e as que se vêem gravadas em determinados opúsculos ilustrados de circulação clandestina, destinados a dar pasto às mais baixas tendências do homem, a diferença está sómente nos meios de expressão. A inspiração é a mesma.

Impõe-se, pois, a necessidade de extremar a arte, manifestação da tendência criadora do espirito humano, das perversões que com tal nome se pretendem justificar. A arte, propriamente, deve ser livre, ainda quando discutivel seja a inspiração das suas obras. Esta é a liberdade que defendo. Mas a pornografia, se não é possível suprimi-la, deve confinar-se aos pântanos, onde medram os seus miasmas.

Nunca pretendi sustentar outra coisa.

RAUL PILLA